

A visita de Sarney a Portugal

O GLOBO

A. GOMES DA COSTA 7 5 ABR 1986

Está fixada para os primeiros dias de maio a visita do Presidente José Sarney a Portugal. Naquela oportunidade, Sua Excelência tomará posse na Academia Portuguesa de Ciências, como membro da Instituição; receberá nos velhos claustros da Universidade de Coimbra o título de Doutor "Honoris Causa"; será homenageado pelos Poderes da República, na Ajuda e em São Bento; inaugurará, no Palácio de Queluz, uma Exposição de carácter histórico-icnográfico sobre a vida de D. Pedro, "homem de dois mundos"; irá rever queridos amigos das Letras e da intelectualidade portuguesa, como Luíz Forjaz Trigueiros, António Alçada Baptista, Miguel Torga, José Blanco, Teresa Gouveia, Agustina Bessa Luís e tantos outros; e, acima de tudo, sentirá de perto o carinho e a hospitalidade do povo português que nas horas em que recebe um Chefe de Estado do Brasil sabe esquecer a cor dos partidos e os quadrantes políticos, o discurso da Europa e a balalaica do Coliseu, para manifestar a sua alegria por ter em casa "um irmão". E se hoje já não se fazem cortejos e festas de rua, como se fizeram quando os Presidentes Café Filho e Juscelino de Oliveira desembarcaram em Lisboa, mesmo assim a paisagem e a fisionomia portuguesas mudam quando se recebe um brasileiro ilustre, o Terreiro do Paço ganha ares garridos com as suas bandeiras coloridas, na Baixa lisboeta as pessoas parecem mais alegres, os manjericos cheiram melhor nas sacadas da Alfama, as traineiras ficam engalanadas no Tejo e nas aldeias do Minho, de Trás-os-Montes e das Beiras, províncias ligadas ao Brasil por gerações de emigrantes, em muitas casas, à hora das trindades, a gente simples do campo reza as "avé-marias" de sua devoção pela prosperidade do grande País-Irmão e pela saúde de seu Presidente.

É claro que nos tempos modernos, de "diplomacia de resultados" e de pragmatismo na política externa os aspectos de natureza histórica e sentimental passam para lugar secundário. Por isso, a próxima visita do Presidente Sarney, para além do lado da satisfação pessoal, como escritor, como maranhense e como fervoroso amigo da terra e da gente portuguesa; para além das conversas e dos entendimentos sobre questões de fundo da conjuntura mundial; e para além do reforço da amizade luso-

brasileira que nestes momentos readquire sempre um renovado vigor, deveria ser assinalada por alguns fatos de relevo, que representassem no contexto das relações entre os dois Países a abertura de um ciclo de maior e de mais efetiva aproximação. Dito de outra maneira: assim como no plano econômico foram tomadas com coragem medidas heterodoxas para acabar com a inflação e o encilhamento financeiro — e bastaria isso para o Governo de Sarney entrar na História — também a nível dos interesses luso-brasileiros esta visita pode ser o momento ideal para o anúncio de novos projetos e a definição de novas posições.

As experiências vividas nos últimos anos mostraram muitos dos equívocos que foram cometidos e as perdas que sofremos, de parte a parte, por nos ter faltado, acima de tudo, a perspectiva de Futuro. Não vale a pena falar nisso. Perdeu-se no comércio, na Cultura, no espaço, no intercâmbio científico e tecnológico, no cruzamento de interesses e na ausência de reciprocidade. Mas ainda é tempo de fazer. Em todos os setores há muitos objetivos por cumprir e empreendimentos por realizar. O importante é que não falte vontade política. A partir daí, temos o estatuto da igualdade de direitos e deveres a ser aperfeiçoado na próxima Assembléia Constituinte; temos a entrada de Portugal na C.E.E. e as hipóteses das empresas de capitais mistos; temos a unificação da ortografia, sem prejuízo das vertentes da Língua; temos uma ação cultural a projetar e desenvolver não apenas no eixo de Brasília-Lisboa, mas em outras partes do mundo; temos a criação de um espaço comum da lusofonia e a defesa de patrimônios e de valores que nos pertencem; temos as comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil que devem ser preparadas neste final do século; e temos, por último, o compromisso de transmitir às gerações emergentes a devoção às raízes e aos fundamentos da nacionalidade.

Separado do Brasil, Portugal pode rapidamente sentir os efeitos de uma europeização que colocará em perigo a sua identidade e o seu determinismo atlântico; indiferente a Portugal, o Brasil terá trocado as suas matrizes mais ricas e fecundas por influências e desvios que pouco têm a ver com a alma e a grandeza de seu Povo.